

Repetir, repetir, repetir... por quê?

Esperidião Barbosa Neto¹
Zeferino Rocha²

RESUMO

Repetimos no cotidiano, do início ao fim da vida. Repetimos, sobretudo, na análise. A repetição é um conceito fundamental da psicanálise e se refere a atos inconscientes do sujeito. Resulta de experiências traumáticas que foram recalcadas e outras cuja intensidade da excitação impediu a organização psíquica de elaborá-las, porque nem chegaram a ter representação. As experiências repetidas são aquelas impossíveis de recordação. Neste artigo, nosso objetivo é mostrar a repetição como um conceito psicanalítico, a forma pela qual ela aparece na vida das pessoas e na clínica, também seu aspecto positivo na constituição do sujeito. Primeiro, apresentaremos a repetição como parte do cotidiano da vida das pessoas; em seguida, enfocaremos o conceito a partir da elaboração de Freud e da teorização de Lacan; por fim, observaremos a positividade do conceito no seu contexto clínico e existencial.

Palavras-chave: trauma psíquico; compulsão à repetição; fala.

Introdução

Repetição é um conceito psicanalítico, que deve ser levado em consideração na experiência da clínica. Ele faz parte do desenvolvimento psíquico. Foi elaborado por Freud durante a sua teorização, recebeu contribuição teórica de Lacan e pode ser articulado à ideia de repetição na filosofia de Kierkegaard. Neste artigo, pretendemos mostrar a repetição como um conceito psicanalítico, a forma pela qual ela aparece na vida das pessoas e na clínica, bem como sua positividade na constituição do sujeito. Primeiro, apresentaremos a repetição como fazendo parte do cotidiano da vida das pessoas; em seguida, enfocaremos o conceito a partir

¹ Professor da Universidade Federal de Alagoas; psicólogo; especialista em Filosofia Política, Psicologia Social e em Psicopedagogia; mestre em Psicologia Clínica; doutorando em Psicologia clínica, com linha de pesquisa em Psicopatologia Fundamental e psicanálise, pela Universidade Católica de Pernambuco.

² Professor da Universidade Católica de Pernambuco, da linha de pesquisa em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise, do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica; Doutor em Psicologia pela Universidade de Paris X; Membro fundador do Círculo Psicanalítico de Pernambuco.

da elaboração de Freud e da teorização de Lacan; por fim, observaremos a sua positividade no contexto clínico e existencial.

Sempre se repete

A vida é feita de repetição, do começo ao fim. O bebê, a princípio, chora porque sente fome ou desconforto, por causa de suas necessidades orgânicas, ou falta de proteção. Com a mamada, ele se nutre, e, à satisfação orgânica vão se agregando valores afetivos. Isto é, o leite, com seus efeitos nutrientes e gustativos, vai sendo permeado por um composto de seio-rostro-olhar-voz materna. Na sequência, quando lhe falta um dos componentes deste composto, o bebê repete o choro, de modo que, mesmo alimentado organicamente, ele não se satisfaz. Instala-se nele um vazio, o qual o alimento não preenche. Há uma falta além da necessidade, falta irremediável, porque jamais será preenchida completamente. É o desejo. Assim, o novo ser torna-se propriamente humano e passa a reivindicar algo que, na verdade, nunca teve, a não ser como ilusão. Ou seja, ele procura o objeto da figura onipotente da mãe como um todo, configurado a partir da “função materna”. Esta é elevada à condição de onipotência, de um “Outro”. Daí por diante, o sujeito repete de inúmeras formas diferentes, sem o saber, os impasses desta configuração.

Enquanto se desenvolve, a criança chora. Mas não só isto. Ela manipula objetos, inventa brincadeiras, engendra todo tipo de manobra para “revisitar” fases anteriores do seu desenvolvimento, nas quais se encontra implicada. Repete tudo do mesmo modo, por muito tempo. Só um olhar investigativo e experiente, no campo psicológico, pode fazer uma leitura da brincadeira infantil como repetição. O menino, ao desenhar, pode traçar uma figura humana, masculina, gigante e ameaçadora, posicionada entre a figura dele e a da mãe. Durante certo tempo, ele repete isto de outras formas, tais como desenhar um gigante

encolhido e simpático, no mesmo contexto em que desenhara anteriormente, a quem reconhece como sendo o pai. Neste caso, a interpretação pode apontar, a princípio, para um impasse típico da fase edípica, uma ameaça que barra no sujeito o objeto do seu desejo. Depois, a superação vai acontecendo, dando lugar ao processo de simbolização. O mesmo tipo de repetição é representado em outras formas de brincar da criança, seja com objetos diferentes e diante de colegas, seja sozinha.

O adulto repete, mas diferentemente da criança. Esta, repete a brincadeira inúmeras vezes, sempre do mesmo jeito e exige, inclusive, que a mesma história seja contada repetidamente e do mesmo modo. A criança tem um prazer especial em repetir. O adulto busca o aparentemente diferente: procura a mulher preferida, adquire objetos de consumo, mira certas realizações. Um homem, depois de se realizar em vários aspectos da sua trajetória familiar e profissional, busca um lugar para viver o resto da vida. Faz todo o esforço possível, e, finalmente, conquista o espaço sonhado. Ele não se deu conta, ou se o fez tardiamente, de que esse lugar, seja no aspecto relacionado ao prazer ou ao sofrimento, tem relação com determinada época e condições vividas na infância. Pode acontecer que ele tenha se esforçado no sentido de uma conquista, mas, ao contrário, seu destino o conduziu em outra direção, seja ao fracasso, seja ao triunfo. Como quer que seja, o desfecho pode ser uma repetição de vivências infantis.

Muitas vezes, o sujeito parece condenado pelo azar. Nada, para ele dá certo, de modo que se julga destinado à desgraça e atribui aos outros a razão de sua falta de êxito na vida. Ele sempre cai e recai no lugar errado. É assim que vê o mundo e a si mesmo. Acontece, também, que ele repete situações de intenso sofrimento. É como se procurasse, sempre, alguma coisa que faça retornar a dor, muitas vezes originada de uma condição de extrema violência e que resultou em grande trauma psíquico. Ele repete o sofrimento, de modo compulsivo. Isto é, a

situação na qual sempre se envolve, funciona como uma justificativa para manter o vigor da dor do passado, mas ele não se dá conta disso.

Na clínica, o mal-estar é recorrente. O paciente retoma, o tempo todo, situações de intenso sofrimento. Ele resiste em abandonar certas relações que só lhe trouxeram problemas, protela a superação de uma vida sem sentido. Uma paciente não conseguia dar cabo a seu projeto de vida, atormentada por intenso mal-estar. Lamentava o sofrimento vivido por muitos anos junto aos pais, que lhe agrediam injustificadamente. Também pelo casamento vivido por muitos anos, o qual se desfez devido a constantes humilhações que a atormentaram. Ainda assim, ela não conseguia se desvencilhar daquelas situações passadas.

Um caso estudado num hospital psiquiátrico de São Paulo, segundo Jorge Forbes (2012), ilustra a repetição originada de violenta situação traumática. João, 63 anos, era louco. Esta certeza vinha dos médicos, dos familiares e dele próprio. Tinha como refeição “um manjar dos deuses”: escolhia um pedaço de suas fezes, punha numa tábua de carne e, depois de desprezar as pontas, cortava em pedacinhos e os salgava para tomar com cerveja gelada. Aconselhado por uma entidade, segundo ele, subia num ônibus, aleatoriamente, escolhia uma pessoa (devia ser homem) e dava-lhe, com a mão espalmada, violenta tapa sobre a orelha. Há mais de 20 anos, João perdeu o filho mais velho, morto por ladrões enquanto dirigia sua motocicleta. O pai, mecânico de automóveis, chegou logo após o crime, tendo visto seu “filho prostrado, com a cabeça dilacerada pelos tiros e pelo choque com o asfalto; ‘com os miolos saindo pelos buracos’”. Então, o pai “jogou-se em cima do corpo e, desesperadamente, tentou recolocar os pedaços de cérebro para dentro da calota craniana despedaçada” (Forbes, 2012, p. 98).

Na experiência clínica, também, observam-se outros modos de repetição. Pacientes relatam sonhos pelos quais revivem situações extremamente traumatizantes. Depois, o sujeito

acorda angustiado, e, em seguida, respira com alívio. Enquanto dorme, ele volta a momentos insuportáveis, nos quais viveu uma experiência muito dolorosa.

Desse modo, a repetição é efeito do trauma psíquico, originado a partir de experiências afetivas intensas durante a vida, sobretudo na fase infantil. De um modo geral, o paciente procura, no seu dia a dia e na análise, toda situação relacionada a intenso sofrimento, mas, paradoxalmente, resiste ao trabalho psíquico pelo qual é possível a saída do mal-estar, no sentido de uma vida produtiva e prazerosa.

Freud e a repetição

Freud estudou casos de repetição, observando-os tanto nas situações do cotidiano quanto, principalmente, no espaço da sua experiência clínica. Ele elaborou o conceito de repetição, o qual atravessa toda sua teoria, a começar pelo artigo *Recordar, repetir e elaborar* de 1914.

O objeto da repetição foi perdido para sempre. O sujeito repete, inconscientemente, aquilo que não é possível ser lembrado. Freud constatou que de nada adianta pedir ao sujeito para pensar sobre seu ato, no sentido de identificá-lo; ele afirmou que “há um tipo especial de experiência da máxima importância, para a qual lembrança alguma, via de regra, pode ser recuperada” (Freud, 1914/1969, p. 195). Isto quer dizer que se repete aquilo que foi recalçado; e que as representações que insistem em retornar à consciência, impedidas pela mediação do ego, aparecem sob uma forma de ação. Isto é, ao invés de recordar a experiência do trauma, o sujeito a atualiza, suplantando-se, temporariamente, o pensar.

Segundo a experiência clínica de Freud, o sujeito, normalmente, inicia a análise com certos tipos de repetição. Ele se queixa de não ter êxito em tudo aquilo que faz, e quando se lhe pede para associar livremente, diz que nada lhe ocorre. A repetição, portanto, não se reduz

a pôr em ato o que foi recalcado, por causa do desprazer que a representação causou no passado. Ela significa, também, uma forma de resistência: “o paciente repete ao invés de recordar e repete sob as condições da resistência” (Freud, 1914/1969).

No texto *Algumas ideias sobre desenvolvimento e regressão – etiologia*, que se encontra nas *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (Freud, 1917/1976), consta que o sujeito, ao se deparar com obstáculos durante o curso da vida, regride a um estágio anterior do desenvolvimento. Isto significa que ele se encontra fixado a uma das etapas da sua vida, o que quer dizer que a regressão implica a repetição de um passado. Isto é, o sujeito repete, ou retorna a um lugar e um tempo nos quais ficou alguma coisa pendente, algo a ser consumado e que precisa de algum tipo de elaboração.

Em 1920, a partir do texto *Além do princípio de prazer*, Freud (1920/1976) volta-se para o caráter compulsivo da repetição, quando a vincula à pulsão de morte. Afirma que o sujeito repete impulsionado por afetos que não puderam ser representados, oriundos de situações traumáticas de grandes proporções. O que se repete é um dos movimentos da pulsão de morte que, pela impossibilidade de se inscrever e de se descarregar adequadamente, insiste, de maneira compulsiva, por uma via fixa e um modo de descarga. Isto quer dizer que a organização psíquica não consegue elaborar a intensidade da excitação; ou seja, o trauma acontece antes mesmo que seja possível o recalque. Na experiência infantil, há vivências que não puderam ser representadas, e os afetos, sem controle, dominam o corpo: “as sensações de dor, assim como outras sensações desagradáveis, beiram a excitação sexual e produzem uma condição agradável, em nome da qual o sujeito, inclusive, experimentará de boa vontade o desprazer da dor” (Freud, 1915/1974, p. 149). Posteriormente, Lacan (1973/1985), na sua teorização, nomeará isto de gozo, nele incluindo uma porção do Real, parte inassimilável e não suportada pelo sujeito.

Freud verificou, nesse contexto teórico-clínico, a frequência com que os pacientes contrariavam a ideia do princípio de prazer. Ao invés de procurar, predominantemente, o prazer, como era de se esperar, eles buscavam, de forma compulsiva, reviver experiências que em momento algum teve relação com o prazer. Logo, há uma tendência para se repetir o sofrimento, voltar à situação do trauma, de alguma forma.

A repetição no contexto clínico

O conceito freudiano de repetição, como positividade, é, também, uma função do aparelho psíquico. Isto é, repetir implica um processo de contornar a experiência de sofrimento, a qual o sujeito recorre, reiteradas vezes, e, ao mesmo tempo, o trabalho psíquico. A fala que se repete, no espaço da análise, funciona como recurso psíquico, para superar a experiência dolorosa. O aparelho psíquico trabalha, intensamente, para se reorganizar, ou se reconstituir do trauma. Enquanto o sujeito associa livremente, ele vai tecendo algum tipo de representação para os conteúdos inconscientes, aquilo que, até então, para ele, não era possível ser dito.

Freud, de algum modo, já havia articulado a repetição ao trabalho psíquico, no final do artigo de 1914, quando vinculou repetição à clínica. No texto de 1920, ele enfatiza a capacidade de domínio dos afetos não representados, analisando a brincadeira de uma criança, hoje conhecida como o jogo do *Fort-dá* (Freud, 1920/1976). Nele, a criança inventa uma forma de brincar com um carretel atrelado a uma linha, jogando-o e puxando-o. Estes atos eram repetidos e acompanhados de expressões prazerosas. Freud interpretou aqueles movimentos como sendo uma representação da experiência traumática, ocasionada pelo afastamento da mãe. Primeiramente, o seu afastamento é vivido de modo passivo pela criança; depois, vem o domínio da situação, pelo brincar. O desfecho da brincadeira, por meio

de uma ação ativa, sinalizava o trabalho de simbolização da experiência. Isto se tornava possível quando ela compreendia que a ausência da mãe era temporária. Isto é, ao invés de se fixar no fato da “saída” da mãe, como fator traumatizante, a criança produzia um novo sentido: a “saída” passava a ser vinculada à “volta” (enquanto brincava, jogava o brinquedo como a dizer: “vá embora”; puxava-o, em seguida, com a expressão de “volte”, no sentido de: “eu mando você ir, eu mando você voltar”).

Em 1932, com o texto *A angústia e a vida pulsional*, das suas *Novas Conferências*, Freud (1932/1976) é incisivo: a repetição tem uma função restauradora; a ela se deve o êxito na clínica. Ele afirma: (“...”) desde o momento em que uma situação, tendo sido uma vez alcançada, é desfeita, surge um instinto [pulsão] para criá-la novamente” (Idem, p. 132). Há, portanto, uma pulsão de recuperação, capaz de restaurar a organização da vida psíquica. Na medida em que um aspecto do desenvolvimento é interrompido, por uma situação traumática, a pulsão tende a recriar o sofrimento implicado nela, como meio de recuperar, ou reconstruir, o que fora supostamente perdido. Isto é, pela via do sofrimento, e somente por ela como caminho de volta, atinge-se o estado anterior, para, só assim, superar-se.

Lacan, na sua teorização, diz que a repetição inclui o acaso e certa determinação. Ele utiliza os termos aristotélicos *Autômaton* e *Tiquê* (Lacan, 1964/2008) para nomear os dois aspectos da repetição, pois não é possível considerar cada um deles isoladamente. Enquanto, por um lado, o sujeito é atormentado por automatismos de repetição (*Autômaton*), por outro, há um embate frente ao Real (*Tiquê*), que sempre produz algum sentido. Para Lacan, *Tiquê* é o encontro com o Real, e toda repetição é diferenciada no curso da análise. Isto nos leva a concluir que, enquanto repete automaticamente, o sujeito trabalha no sentido de fazer do acaso alguma determinação.

Kierkegaard, filósofo da primeira metade do século XIX, pensou a repetição no contexto da existência. Ele emprega o termo *repetição* no sentido de *superação*, de modo que

repetir é triunfar diante do problema. Isto pode ser articulado à psicanálise pelo fato de que, para este autor, o objeto perdido é irrecuperável na sua condição. Isto é, para se superar frente às perdas que a vida nos impõe, há que se repetir, o que significa retomar o objeto não na condição dele mesmo, mas de outro modo. Isto quer dizer que o objeto precisa ser ressignificado e a repetição implica um recomeço.

A repetição, neste contexto, é inerente ao humano. Ela dá sentido à existência na medida em que o sujeito retoma o passado a partir de uma nova condição, não se deixando abater pelos obstáculos, mas ultrapassando-os. Em Kierkegaard (1843/2009b), repetição é novidade, rompimento do obstáculo que travara o indivíduo, impedindo-o das possibilidades humanas. Neste processo, o sujeito não apenas recupera o que se havia perdido mas, sobretudo, retoma o objeto sob novas dimensões: sujeito e objeto se alteram.

Para Freud, Lacan e Kierkegaard, a repetição não é lembrança. Esta última não leva a nada, apenas mantém o sujeito no sofrimento. A lembrança esbarra no limite onde não há mais sentido algum. Para Freud, a repetição é uma peleja com a situação traumática. Para Lacan, é o embate com o Real (este engole o sentido, desampara o sujeito, impondo-lhe sofrimento). Para Kierkegaard (1843/2009a), a repetição é superação do sofrimento.

Destacamos a afirmação de Lacan, de que a repetição é o encontro com o Real, para fazer uma articulação com o caso relatado por Forbes (2012), apresentado no final da primeira parte deste artigo. O relato do caso dá conta de que João, o paciente que perdera o filho num acidente, toda vez que era solicitado a detalhar o “encontro” com o filho morto, se angustiava. Foi-lhe dito da possibilidade de haver semelhança entre a “investida de colocar os miolos para dentro da calota craniana aberta” e o “comer as próprias fezes”: em ambos os casos, punha-se para dentro do corpo o que havia escapado. Quanto às “tapas sobre as orelhas de homens”, nos ônibus, tinha-se o mesmo tipo de interpretação; neste caso, especificamente, tratando-se da região craniana, objeto de fixação do trauma.

Segundo nosso entendimento, João repetia, e gozava. O registro do caso aponta que o ato do pai representava a morte do filho como um acontecimento do presente, e que seu relato sobre a peculiar gastronomia era recorrente e feito minuciosamente, valorizando-se o fato da morte do rapaz como de importância social, algo “comovente para todo mundo” (Forbes, 2012, p. 97-98). Ele se angustiava quando se passava da generalidade comovente à singularidade do fato, porque o gozo era ameaçado em função de algum trabalho psíquico.

A sugestão de Jorge Forbes, ao apresentar esse recorte clínico, é de que a interpretação, neste caso, não dá conta; o simbólico é insuficiente. Ele entende que essa equivalência simbólica “filho-fezes” é transitória, por isso não soluciona, sendo preciso ultrapassá-la para inventar algo “fora do protocolo do inconsciente” (Forbes, 2012, p. 102). Isto nos remete à clínica do Real, o que foge ao objetivo do presente artigo.

Seja qual for a expectativa do tratamento, se sob a primazia do simbólico ou do Real, a clínica psicanalítica se apresenta como lugar da repetição e da fala. Associando livremente, o sujeito é capaz de produzir novo sentido sobre a experiência geradora do trauma psíquico. Enquanto fala, e sem se dar conta, ele vai tecendo uma nova forma de ver e lidar com seus afetos, construindo-se formas de representações.

Considerações finais

O sentido do termo repetição é esclarecedor. Tem origem no latim *petere*, como “tomar”, “*pedir*”, “*reivindicar*”; donde se deriva *repetere*, que tem sentido de “tomar de novo”. Articulando à ideia de “petição”, temos o sentido jurídico de reintegração, isto é, recobrar, atualizar uma pendência para que ela seja superada. Por isso que se diz “retomar”, tomar de novo, outra vez, recuperar. Não por coincidência, Kierkegaard tomou do termo *reintegração* do vocabulário jurídico, o qual foi traduzido, em nossa língua, para repetição.

Repetimos porque perdemos. Na experiência clínica, repetimos, sobretudo, para ganharmos. Repetimos os erros, até que possamos ressignificar o que se perdeu. Nosso esforço, ao repetir, é *reintegrar* o objeto perdido à nossa estrutura psíquica, mas de modo diferente. Isto é, a repetição acontece, sempre, no sentido de restituir alguma coisa ao plano psíquico. Por meio da fala podemos fazer do acaso (o disperso, sem sentido) alguma determinação; do estranho e traumático que seja feito algo singular, do qual se tire proveito do ponto de vista do sujeito, e, ao mesmo tempo, da civilização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FORBES, J. Inconsciente e responsabilidade: psicanálise do século XXI. São Paulo: Manole, 2012.

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar. In: S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Strachey, trad., Vol. 12, pp. 191-203). Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Trabalho publicado originalmente em 1914).

FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes. In: S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (J. Strachey, trad., Vol. 14, pp. 129-162). Rio de Janeiro: Imago, 1974 (Trabalho original publicado em 1915).

FREUD, S. Conferências introdutórias sobre psicanálise. In: S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (J. Strachey, trad., Vol. 16, pp. 397-417; 28: pp. 523-539). Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Trabalho original publicado em 1917).

FREUD, S. Além do princípio de prazer. In: S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Strachey, trad., Vol. 18, pp. 13-85). Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Trabalho publicado originalmente em 1920).

FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (J. Strachey, trad., Vol. 22, pp. 103-138). Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Trabalho original publicado em 1932).

LACAN, J. O seminário, Livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. (Trabalho originalmente publicado em 1964).

LACAN, J. O seminário: Livro 20 - Mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (Trabalho original publicado em 1973).

KIERKEGAARD, S. La repetición. Madrid: Alianza Editorial, 2009a. (publicado originalmente em 1843).

KIERKEGAARD, S. Tremor e temor. Lisboa: Relógio D'água, 2009b. (publicado originalmente em 1843).